

20 ANOS DA POSSE DO ÚNICO GOVERNO DE ESQUERDA DA HISTÓRIA DE FRANCA

Em 1945, logo após o final da ditadura do Estado Novo de Vargas, o Partido Comunista Brasileiro, legalizado, disputou as eleições presidenciais e obteve quase 10% dos votos, elegendo vários deputados. Criado em 1922 na ilegalidade, o PCB não durou como partido legal: em 1947, teve seu registro cassado e foi colocado de novo na ilegalidade. Abrigados em legendas próximas à época, como o Partido Socialista Brasileiro – PSB, os comunistas elegeram representantes ou aliados em Franca, como os vereadores Atílio Derruci e Alfredo Henrique Costa.

Em 1964, o golpe militar-empresarial reprimiu duramente os comunistas e outros opositores ao regime. O PCB, que era contra a luta armada, viu suas dissidências aderirem à guerrilha para logo serem dizimados pela repressão. Com o fim da ditadura e a Nova República, os partidos comunistas se legalizaram, embora enfraquecidos, pois a esquerda se fortificou foi com a criação do PT, que ganhou quatro eleições presidenciais seguidas, para novamente assistir a um golpe, desta vez jurídico-midiático-parlamentar, com forte crescimento da direita.

No nordeste do Tucanistão, foi nas eleições municipais realizadas em outubro de 1996 que, pela primeira vez, um candidato de esquerda (do Partido dos Trabalhadores) venceu a disputa para comandar a Prefeitura de Franca. Gilmar Dominici surpreendeu nas urnas e foi eleito com 58.747 votos (43,9%). As pesquisas de intenção de votos apontavam o candidato Gilson de Souza (DEM) como o vencedor. O petista assumiu a Prefeitura num chuvoso primeiro de janeiro de 1997, subiu junto com ele e sua equipe a rampa da Prefeitura ao som de “Vermelho”, a música de Chico da Silva imortalizada por Fafá de Belém. Gilmar foi reeleito em 2000 e ficou no cargo até 2004, vencendo Sidnei Rocha (PSDB) na reeleição. Cassiano Pimentel foi o vice nas duas gestões.

Há muitas explicações para o fenômeno da eleição de Gilmar. Por um lado, a momentânea divisão política entre os conservadores (historicamente majoritários) atores da política local e, por outro, a situação criada por seu representante histórico (Sidnei Rocha), chamuscado pela arrogância em deixar o cargo de prefeito para assumir a presidência da estatal VASP. Derrotado nas últimas eleições por Gilson de Souza, Sidnei apresentou à Justiça Eleitoral bens no valor de 4,73 milhões de reais, a maior fortuna entre os candidatos. O rico Sidnei construiu sua carreira política atacando seus adversários, usando e abusando de seu próprio programa de rádio e de áudios que emprega em suas emissoras, inaugurando a “guerra midiática permanente” em Franca (técnica utilizada contra Lula hoje).

O uso político de concessões públicas de TV e rádios, boa parte delas na mão de políticos conservadores ou religiosos, não é novidade no Brasil. Em Franca, comprova-se esta realidade nacional. Enfrentar o poder midiático ou religioso é tarefa difícil, mais ainda numa cidade de elite pouco letrada que cultua, por um lado, o enricado “self-made man” vindo do chão de fábrica e por outro, o “doutor” de cultura bacharelesca de fala difícil, mas que nada diz, só enrola ou reproduz ideias alheias.

Eleito e reeleito com pouco mais que 40% dos votos válidos, Gilmar governou sob o cerco feroz da imprensa, da maioria oposicionista na cidade e no Legislativo, dos deputados locais de oposição, dos governos estadual e federal na mão dos tucanos à época. Seus erros foram amplificados e seus acertos escamoteados. Os buracos nas ruas, endividamento (em parte proveniente do governo anterior de Ary) e um orçamento deficitário, insuficiente para manter a ampliação dos serviços públicos e o atendimento a demandas sociais antigas (principalmente saúde, cujas despesas saltaram para quase 23% do orçamento em 2004, último ano do seu governo) criaram uma situação que o transformou no bode expiatório local de anos e anos de crescimento nulo do país, de desemprego e de crise da indústria calçadista (anos FHC). Reelegeu-se, mas não fez o sucessor, numa época que não havia segundo turno.

Sua saída de cena, desgastado pelas críticas acerbas, trouxe o retorno da demagogia conservadora e autoritária. O “caos” que lhe atribuíam foi rapidamente superado com o crescimento da receita dos anos Lula, alongamento das dívidas, venda da concessão de água e esgotos à SABESP por 30 anos (aplicada em asfalto) e do corte de serviços aos mais pobres, como o fim da política de melhoria do transporte coletivo, a entrega da saúde terciária ao Estado (Santa Casa, que continua deficitária até hoje), a extinção da política habitacional para baixa renda. Os problemas que a cidade enfrenta hoje nada tem a ver com Gilmar, mas a cada crítica às desgraças atuais, reaparece o discurso “anticomunista” do século XX, que é onde o conservadores francanos permanecem. Inclusive nas artes. Para mudar esse quadro, será preciso a esquerda se reinventar e sair do gueto. Como, é tarefa para muitas mãos e cabeças pensantes, especialmente dos jovens e não para esse escriba que chega aos 65 anos perplexo com o retrocesso que 2016 trouxe.

Mauro Ferreira é arquiteto